



“Cara de empregada doméstica”: Discursos sobre os corpos de mulheres negras no Brasil*

« Tête de femmes de ménage » : les discours sur les corps de femmes noires au Brésil

Mônica G. Zoppi Fontana**

Mariana Jafet Cestari***

Resumo:

O trabalho analisa a construção discursiva dos estereótipos de mulheres negras no Brasil, com foco na discriminação da figura da empregada doméstica. Com base na teoria da Análise de Discurso, filiada às pesquisas que têm como principal autor Michel Pêcheux, em diálogo com a produção teórica da socióloga feminista negra Lélia Gonzalez, o *corpus* da pesquisa é composto por textos veiculados nos meios de comunicação brasileiros em torno de duas polêmicas com repercussão significativa em 2013: a aprovação da PEC 66-2012, apelidada “PEC das empregadas domésticas”, projeto que estendeu aos empregados domésticos direitos já garantidos aos demais trabalhadores formais no país, e o programa federal “Mais Médicos”, que tem como objetivo contratar médicos para atuarem em cidades com carência no serviço básico de saúde. O enunciado que provoca as análises foi a declaração nas redes sociais de uma jornalista sobre o programa “Mais Médicos”: “Me perdoem se for preconceito, mas essas médicas cubanas têm uma cara de empregada doméstica. Será que são médicas mesmo?”. Perguntamo-nos sobre como são construídos historicamente os sentidos para a designação “cara de empregada doméstica”, percorrendo redes de memórias em que os corpos das mulheres negras são significados (e disputados em seus sentidos) nos discursos da escravidão e do colonialismo, da construção da identidade nacional no mito da democracia racial e dos movimentos sociais contemporâneos de mulheres negras. Considerando que a luta ideológica se dá também no terreno da linguagem, disputando os significantes e produzindo regimes de enunciabilidade e visibilidade, analisamos também os deslocamentos e equívocos que afetam essa designação nas condições atuais de produção e circulação dos discursos sobre “empregadas domésticas” no espaço público e político brasileiro.

Palavras-chave: ideologia, contradição social, racismo, resistência, subjetivação

Résumé :

Ce travail analyse la construction discursive des stéréotypes de femmes noires au Brésil, en mettant l’accent sur la discrimination de l’image de la femme de ménage. Nous nous basons sur la théorie de l’Analyse du Discours, mise en dialogue avec la sociologue féministe noire Lélia Gonzalez. Le corpus de recherche est constitué à partir de certains textes diffusés dans les médias brésiliens autour de deux polémiques ayant eu un impact significatif en 2013 : d’une part, l’approbation de la loi qui a élargi aux femmes de ménage des droits qui étaient déjà assurés à d’autres travailleurs formels du pays; d’autre part, le programme du gouvernement national ayant pour objectif d’embaucher des médecins pour travailler dans des villes dépourvues de ce service fondamental de santé. L’énoncé qui motive les analyses est la déclaration publiée par une journaliste dans les réseaux sociaux: «Pardonnez-moi si c’est un préjugé, mais ces femmes médecins cubaines ont des têtes de femmes de ménage. Est-ce que ce sont vraiment des médecins?». Nous nous demandons donc quel est le visage d’une femme de ménage, en parcourant les réseaux de mémoire dans lesquels les corps des femmes noires sont signifiés (et disputés dans leur sens) dans les discours de l’esclavage et du colonialisme, de la construction de l’identité nationale et des mouvements sociaux contemporains.

Mots-clés: idéologie, contradiction sociale, racisme, résistance, subjectivation

* Uma versão preliminar e resumida deste trabalho foi apresentada pelas autoras no 8º IGALA CONFERENCE, ocorrido em junho de 2014 em Vancouver, Canadá.

** Departamento de Linguística/IEL-UNICAMP/CNPq monzoppi@iel.unicamp.br. Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571. CEP.13083-859 Campinas/SP

*** Doutoranda em Linguística/IEL-UNICAMP, bolsista FAPESP marianajcestari@gmail.com

Introdução

No dia 27 de agosto de 2013, uma jornalista de um grande veículo de comunicação brasileiro afirma em sua página pessoal do *Facebook* que as médicas cubanas que foram ao Brasil para participar do programa federal “Mais Médicos”, que tem como objetivo contratar médicos para atuarem em cidades com carência no serviço básico de saúde, tinham “cara de empregada doméstica”. Trataremos a aparição deste enunciado no *Facebook* e a polêmica que ele ocasionou como um *acontecimento discursivo* (Pêcheux, 1983), que atualiza e desloca sentidos em uma rede de memórias. No quadro da Análise de Discurso que tem como principal autor o teórico marxista francês Pêcheux, discutiremos a emergência e circulação desse enunciado e da designação “(cara de) empregada doméstica”, descrevendo as filiações de sentido em que se inscrevem e os deslocamentos e contradições ideológicos produzidos pela sua enunciação a partir de diferentes posições discursivas.

Utilizamos o conceito de *memória discursiva* para designar as redes de filiação histórica que organizam o dizível, dando lugar aos processos de identificação a partir do quais o sujeito encontra as evidências que sustentam/permitem seu dizer¹. Neste sentido, a memória discursiva é o espaço dos efeitos de sentido que constituem para o sujeito **sua realidade**, enquanto representação imaginária (e necessária) da sua relação com o real histórico, no qual ele está inserido.

Definindo a *memória discursiva* como “espaço de estruturação, de regularização de *materialidade discursiva complexa*”², Pêcheux afirma que ela funciona como “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” [...] de que a leitura necessita”³. Parafraseando o autor, podemos dizer que face a um fato (i.e. ao real histórico), a memória discursiva restabelece um não-dito que permite ao sujeito a interpretação. A noção de *materialidade discursiva* deve ser compreendida:

[...] enquanto nível de existência sócio-histórica [do discurso], que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as “mentalidades” de uma época, mas que remete às condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura dada. (PÊCHEUX, 1981:151)

Se trata de considerar que as formas discursivas nas quais aparecem os “objetos” [...] são sempre conjunturalmente determinadas como objetos ideológicos; nem universais históricos, nem puros efeitos ideológicos de classe, esses objetos teriam a propriedade de ser ao

¹ Cf. Pêcheux (1975); Courtine (1982); Orlandi (1996; 1999; 2001).

² Pêcheux (1984).

³ Ibid., p.263

mesmo tempo idênticos a eles mesmos e diferentes deles mesmos, isto é, de existir como uma unidade dividida, suscetível de se inscrever em um ou outro efeito conjuntural, politicamente sobredeterminado (idem:157).

Este funcionamento paradoxal dos objetos discursivos, atravessados pela luta social e política que produz os sentidos e os modos de interpretação, será objeto de nossas análises. Deste modo compreendemos, ainda com o mesmo autor, que:

[...] o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante) mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas [e transformadas]). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições etc. mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas tomam seus sentidos em referência a essas posições. (PÊCHEUX, 1975:160)

Acontecimentos discursivos

Pêcheux (1983:17) define o *acontecimento discursivo* como o "ponto de encontro de uma atualidade e uma memória". É um elemento histórico descontínuo e exterior que afeta a memória produzindo ruptura e deslocamentos. Assim, pelo funcionamento da memória no acontecimento discursivo, os sentidos produzidos ao mesmo tempo repetem e deslocam o já-dito, produzindo uma projeção e um retorno dos processos discursivos sobre si mesmos, reconfigurando e desestabilizando as séries de repetição, dando lugar a novas interpretações. Consideramos a aprovação da chamada “PEC das domésticas”⁴ como um acontecimento discursivo que afeta a rede de memórias dos discursos escravagista, da colonização e da democracia racial, dando lugar a tomadas de posição e deslocamentos ideológicos, tanto por parte do movimento de mulheres negras e do movimento sindical das trabalhadoras domésticas, quanto das posições patronais representadas massivamente na mídia conservadora. A polêmica em torno da aprovação da lei e sua análise tomariam mais espaço do que o disponível neste artigo⁵, porém, a publicação das declarações da jornalista brasileira sobre as médicas

⁴ A Proposta de Ementa Constitucional (PEC 66/2012) foi aprovada no Senado em 26/3/2013 e publicada no Diário Oficial da União como ementa constitucional EMC 72 em 3/4/2013; ela amplia os direitos trabalhistas dos empregados domésticos embora não os equipare por completo, dado que alguns precisam ainda de regulamentação para serem efetivamente obrigatórios.

⁵ Essas questões são objeto das pesquisas desenvolvidas pelas autoras sobre o surgimento e desenvolvimento do movimento de mulheres negras no Brasil (CESTARI, M. “Olhar o próprio umbigo e enegrecer o feminismo brasileiro ou feministas e antirracistas graças às Yabás”, FAPESP, processo 2014/03111-0) e sobre a polêmica em torno da PEC 66-2012 (ZOPPI FONTANA, M. “PEC das

cubanas chegadas ao Brasil nos oferece em sua *materialidade discursiva complexa* um objeto discursivo paradoxal, cujos equívocos e contradições condensam de forma emblemática a luta social e política pelo sentido.

Trazemos a seguir a reprodução por reconhecido periódico brasileiro dos enunciados da jornalista, publicados inicialmente na sua conta pessoal no *Facebook*, que tiveram repercussão imediata e originaram o debate na mídia e no seio dos movimentos sociais e que tomamos como ponto de partida para a análise.



<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/sindicato-das-domesticas-de-sp-entra-com-acao-contra-micheline-borges-5972.html> 10-9-2013

Este post foi rapidamente compartilhado na rede social e foi logo noticiado nos jornais televisivos e impressos. Como resposta aos comentários indignados postados por internautas no seu mural, a jornalista ainda tentou se justificar, antes de excluir sua conta da rede social.

“Perdoe se vocês não pensam igual a mim. Paciência... kkkkkkk aparência conta sim! Se eu chegar numa consulta e encontrar um médico com cara de acabado ou num escritório de advocacia com um advogado mal vestido vou embora. O mesmo acontece num restaurante. Você primeiro come com os olhos para depois comer com a boca. A aparência do prato é tudo!”

Empregadas Domésticas”. Contradições de classe, gênero e cor nos discursos sobre “as relações cordiais no lar brasileiro”, Bolsa PQ-CNPq, processo 308973/2013-5).

A publicação destas declarações gerou polêmicas nas redes sociais e fora delas. Antes de apresentar as críticas às declarações da jornalista, sua repercussão e o desdobramento do caso, discutiremos os efeitos de sentido em torno do enunciado que motiva nossa reflexão.

O que significa ter “cara de empregada doméstica” no Brasil? Como esse sintagma se inscreve nos sentidos trabalhados pelos discursos da “democracia racial” sustentados nas memórias dos discursos escravagista e da colonização, que dissimulam o racismo que organiza hipocritamente as relações sociais e raciais no país? Que outros sentidos disputam a significação desse sintagma hoje no Brasil?

Dando uma cara à luta pelo sentido

Para iniciar nossa análise vamos descrever dois funcionamentos discursivos dessa expressão, um *metafórico* e outro *metonímico*, inspirados pelas colocações de Courtine e Haroche (1988) no seu livro sobre a história do rosto. De acordo com estes autores, há na cultura ocidental uma tradição de estudos que tomam a fisionomia como seu objeto, o que deu lugar a partir da Renascença a uma série de tratados de *fisiognomia* que relacionam o rosto às emoções e a uma codificação social da *civilidade*. Para nosso trabalho interessa centralmente retomar a reflexão dos autores que interpretam o nascimento de uma noção de *civilidade* como um novo dispositivo de normalização e divisão/exclusão dos indivíduos na sociedade (e seus espaços de convívio), cujo fundamento já não se encontra em um princípio de sangue ou herança (como na ordem feudal aristocrática), mas em uma “educação da *linguagem*” (compreendida em sentido amplo: *linguagem do corpo, do gesto, do rosto e do verbo*). Nesse contexto, em que os sujeitos sociais são distribuídos no seu valor e nos seus espaços pelos sinais de seus corpos, gestos e fala, surgem os tratados que ensinam a *civilidade*, para o qual precisam decifrar rostos e corpos na sua linguagem. Os autores mostram como desde o século XVI o rosto foi perscrutado, codificado e normatizado tanto na sua forma física quanto em suas expressões, impondo-se o lema “*o rosto fala*”, ou seja, o corpo exprimiria a alma, falaria sua linguagem. A *fisiognomia* tornou-se a “arte do conhecimento do caráter” das pessoas pelos traços da face. Analisando esse percurso, Courtine e Haroche (1988) afirmam que o rosto foi interpretado historicamente a partir dos dois funcionamentos que já mencionamos:

Como metonímia: o rosto é a parte *princeps* da cabeça e a cabeça é a parte principal do corpo; ela é, por contiguidade, a morada da alma. “O rosto é assim metonímia da alma, a frágil porta de sua morada, o acesso – como uma janela


entreaberta – por onde contemplá-la, mas por onde igualmente pode surgir de repente a via das paixões.” (idem, p. 45).

Como metáfora: além de estar próximo da alma, o rosto é também a sua imagem, o seu *espelho*. O rosto é a metáfora da alma, a sua condensação, o seu ‘quadro resumido’. A fisiognomonia, ao inscrever o rosto na *ordem da linguagem*, descreve e codifica nele suas operações e sinais fundamentais - as chamadas figuras. “É neste sentido que o rosto é a *figura da alma* e a fisiognomonia o repertório de uma linguagem das figuras.” (idem, p.46).

Voltemos, então, a nosso enunciado. Em seu *funcionamento metonímico* a expressão “cara de empregada doméstica” faz referência explícita a uma parte do corpo humano, cara = rosto, face. Assim, a expressão aludiria a marcas no corpo que identificam/caracterizam as empregadas domésticas de forma homogênea; haveria **uma** “cara de empregada doméstica” que permitiria identificar socialmente os sujeitos lhes atribuindo um lugar definido nas relações de classe. Temos assim um deslizamento de sentido que leva do corpo humano significado biologicamente (seus traços físicos) ao corpo socialmente significado (sua função/lugar na sociedade). A força da expressão se dá a partir de seu funcionamento por *efeito de pré-construído*, ou seja, por ser apresentada no enunciado como um elemento que remete a “uma construção anterior, exterior e independente”, produzindo o efeito de evidência do que “todo mundo sabe” e do que “todo mundo vê” (Pêcheux, 1975). A evidência desses sentidos para significar a cara/corpo das empregadas domésticas já é resultado do funcionamento ideológico, ou seja, da construção histórica de um corpo estereotipado negativamente, que surge da imbricação de traços que referem à ordem do racial (textura do cabelo, cor da pele, forma corporal), do cultural (tipo de penteado, de roupa, postura, agir), do social (marcas de classe nas vestimentas) e de gênero (reduzir o emprego doméstico a uma profissão exercida exclusivamente por mulheres – “as empregadas”).

No seu post inicial a jornalista não explicita o que seria uma “cara de empregada doméstica”, não há descrição nem definição, apenas uma relação de sinonímia com a palavra “aparência”. Somente quando questionada nos comentários, a jornalista avança algumas precisões: “descabelada”, “de chinelos”, “sem lavar a cara”, “cara de acabado”, “mal vestido”. Porém, essas especificações não verbalizam os sentidos de discriminação racial que foram imediatamente compreendidos e atribuídos a sua declaração. Por

exemplo, na charge e na matéria jornalística que seguem, mas principalmente na crítica feita pelo movimento de mulheres negras, como analisaremos a seguir.

 <p>(Blog <i>Só que não</i>, 29-8-2013 <http://esquerdopata.blogspot.com.br/2013/08/medica-com-cara-de-empregada-domestica.html>)</p>	<p>O diretor do Sindicato das Empregadas Domésticas do Rio Grande do Norte, Israel Fernandes, informou que vai analisar a possibilidade de entrar na Justiça contra a jornalista. "Isso é um absurdo. Em pleno século 21 uma pessoa ainda ter esse tipo de pensamento. Não acredito que essa moça seja jornalista mesmo. É racismo, discriminação, é crime. Vou me reunir com os demais membros do sindicato para analisar a possibilidade de entrar na Justiça. Ela vai responder por esses crimes".</p> <p>(G1, RN, 27-8-2013, 17:02h http://g1.globo.com/rj/rio-grande-do-norte/noticia/2013/08/jornalista-diz-que-medicas-cubanas-parecem-empregadas-domesticas.html)</p>
---	--

Temos ainda no enunciado uma oposição entre os sentidos de *cara de empregada doméstica* (no feminino) e *cara de médico* (no masculino), sendo que o segundo, na formação ideológica dominante, aproxima-se da boa aparência, da boa postura. Observamos, portanto, uma distinção de gênero que afeta a interpretação e circulação destes enunciados, sobre a que voltaremos adiante. E, não esqueçamos, para a posição na qual se inscreve o enunciado da jornalista, “aparência é tudo” – seja para um prato em um restaurante ou para um profissional em posições de prestígio (advogados e médicos, para retomar os exemplos do post da jornalista).

Somada à oposição dos sentidos para “cara de empregada doméstica” e “cara de médica”, podemos ainda analisar a oposição implícita no debate entre nacionalidades: entre a “cara de médica **cubana**” e “cara de médica **brasileira**”. Na forte repercussão negativa ocasionada pela declaração da jornalista circularam amplamente nas redes sociais imagens que denunciam a discriminação social e racial historicamente consolidada para profissões de prestígio, em especial para a classe médica. A cara branca dos médicos brasileiros ganha visibilidade e circulação social na mídia como efeito desse confronto discursivo.



Blog Cético, Post “Racismo para todos os lados”

<http://ceticosblog.wordpress.com/2013/12/16/racismo-por-todos-os-lados/>

No funcionamento do discurso da branquitude não se diz que os médicos brasileiros são brancos, mas se denuncia que o programa “Mais Médicos” contrata médicas cubanas que “não tem boa aparência”, atualizando no acontecimento discursivo práticas racistas de reserva de vagas no mercado de trabalho brasileiro. Nesse sentido, são reveladoras duas fotos reproduzidas largamente nas notícias publicadas pela imprensa sobre a reação da classe médica brasileira à chegada dos médicos cubanos, que explicitam o racismo que está na base da recusa profissional.



Retomando o enunciado da jornalista:

“me perdoem se for preconceito, mas essas médicas cubanas tem uma Cara de empregada doméstica. Será que São médicas mesmo??? Afe que terrível. Médico, geralmente, tem postura, tem cara de médico, se impõe a partir da aparência...”

Podemos entrever uma rede de estereótipos que funcionam na evidência do seu sentido, apagando sua historicidade e a memória discursiva na qual se inscrevem. De forma esquemática, poderíamos pensar uma série de processos metonímicos que permitem construir uma relação de sinonímia:

cara / doméstica (brasileira) = negra, pobre e feia	médica cubana = empregada doméstica brasileira
(cara) /médica cubana = negra, pobre e feia	

Se fazemos esta interpretação do lugar da Análise de Discurso, engajadas politicamente a partir da teoria em temas polêmicos de nossa sociedade, também trazemos neste texto a voz daqueles que do lugar da luta política e da militância contra a discriminação racial denunciaram a declaração da jornalista como um caso emblemático de práticas de racismo e xenofobia presentes na sociedade desde longa data.

Só por curiosidade, pesquise ‘médico’ no Google Imagens. Sim, isso é assustador, somos controlados pela grande classe média brasileira. No último dia 27 de agosto, vimos o que uma parte dessa corja de sábios ignorantes soube fazer: chamaram médicos cubanos de escravos e hostilizaram a sua chegada ao aeroporto de Fortaleza. Para eles, a regra foi quebrada, é ofensivo ver um médico que não possua o porte hegemônico que se fabrica constantemente, ou seja, o homem branco, classe média com “cara de médico”. Não é possível aceitar que o que veio de Cuba foram médicas com “cara de empregada doméstica”, como lidar com isso?

Mas o que é ter cara de empregada doméstica? O que é ter cara de médico? O Brasil tem tantos médicos brancos e empregadas negras que isso acaba entrando para um padrão – que, infelizmente, a classe média burra usa para classificar todos. Há sim uma injustiça acontecendo aí e isso é sim questão, não só de xenofobia, mas de racismo institucional. A regra foi quebrada, a classe médica ficou enfurecida, sabemos que eles não estão perdendo empregos, não é questão de direitos trabalhistas, é algo mais forte que isso e é cego quem não quer ver. (“No Brasil, a medicina é branca e classe média”, Mara Gomes, no Blogueiras Negras, 4-9-2013, <http://blogueirasnegras.org/2013/09/04/medicina-no-brasil/>)

A partir desta análise feita de uma das posições da militância das mulheres negras engajadas na luta política por igualdade de direitos e reconhecimento social, vamos nos indagar sobre o *funcionamento metafórico* da expressão “cara de empregada doméstica”. Como diz a blogueira, trata-se de “algo mais forte” e “é cego quem não quer ver”. O humorista Latuff com suas charges corrosivas dá visibilidade à memória discursiva que analisaremos a seguir.



<http://latuffcartoons.files.wordpress.com/2013/09/medicos-cubanos.gif>



<http://latuffcartoons.wordpress.com/2013/04/12/charge-pec-das-domesticas/>

Brasil, mostra a tua cara!

“Cara de empregada doméstica” é *metáfora* de quê? Se retomamos a tradição brasileira de anúncios de emprego que exigem “boa aparência”⁶, denunciada insistentemente pelo movimento de mulheres negras, nos aproximaremos dos sentidos de feias, negras, pobres para as que não se encaixam nesses anúncios que sem explicitar os critérios raciais de seleção para suas vagas resistem à contratação de trabalhadoras negras. Poderíamos também retomar uma outra expressão corrente usada para qualificar certos espaços da cidade— os chamados “lugares de gente bonita”⁷. Se nos perguntamos quem são as pessoas bonitas, novamente veremos que os critérios para avaliação estética dizem a respeito das posições sociais e raciais. Essa divisão da sociedade e do direito a circular por seus espaços e a ocupar determinados postos de trabalho, que opõe “gente bonita”, de “boa aparência”, “com postura”, “capazes”, “bem formados”, “bem vestidos” a “gente feia”, “burra”, “sem postura”, “descabelados”, “mal vestidos” tem raízes profundas na história brasileira, que produziu o discurso de “democracia racial”, por meio do qual se silencia e dissimula a violência das relações de exploração econômica e de exclusão racial e social que dão uma “cara” ao Brasil. Na historicidade dos sentidos dominantes do sintagma nominal “cara de empregada doméstica”, encontramos ainda o deslizamento metonímico do corporal para o intelectual, trazendo de forma implícita um julgamento sobre a capacidade intelectual desses indivíduos: seriam incompetentes ou incapazes, burros, (semi-)analfabetos; conforme formulação usual que circula na posição ocupada pelas patroas: “tem que explicar tudo para que façam certo”.

Uma gravura do século XIX do pintor Debret, incluída como ilustração no texto “A PEC das Domésticas, os grilhões e as madames”, de Cidinha da Silva que denuncia os efeitos da memória escravagista presentes na polêmica sobre a PEC das empregadas domésticas, dá visibilidade a essa divisão social, inscrevendo-a na memória que lhe dá origem e a significa.

⁶ Cf. Damasceno (2011).

⁷ Lembramos aqui a polêmica que atravessou recentemente a mídia e as redes sociais em torno da ocupação de espaços urbanos valorizados imobiliariamente por aqueles que foram denominados depreciativamente como “gente diferenciada”. Cf. por exemplo, a reportagem disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/churrasco+de+gente+diferenciada+reune+centenas+de+pessoas+em+sp/n1596952519276.html>



Blog GELEDÉS Instituto da Mulher Negra, 28-3-2013⁸,

O movimento das mulheres negras, com maior expressão a partir do início da década de oitenta, tem denunciado o funcionamento do mito da “democracia racial”, conforme o qual o Brasil seria fruto de uma miscigenação harmoniosa das raças, apontando para a produção de estereótipos sobre as mulheres negras, especialmente as figuras da *mulata* e da *doméstica* como as duas faces de uma mesma moeda: cara e coroa de um mesmo processo de violência simbólica⁹. Citamos a seguir um trecho de Lélia Gonzalez, uma das principais vozes que do lugar de intelectual/ativista produz a teoria necessária para analisar a dominação racial:

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que *se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas* (GONZALEZ, 1983:228)

Consideradas as interpretações sobre a construção e os efeitos ideológicos do mito da democracia racial no Brasil, compreende-se que frequentemente o tema da miscigenação é comprometido com a história e com as práticas da dominação racial presentes mesmo quando não pronunciadas, que significam em sua ausência sem que sejam identificadas como tal. Para citar um exemplo trazido por Gonzalez (1983), na palavra *mucama* por vezes se oculta o sentido de escrava sexual e da prática sistemática da violência sexual contra as mulheres marcada pela hierarquia que articula classe, gênero e raça e que posiciona na escravidão, no topo da hierarquia, no lugar de dominador, senhores brancos e, na sua base, na posição de dominadas, mulheres negras escravizadas. Um processo semelhante ocorreria na hipersexualização da figura da *mulata*.

⁸ <http://arquivo.geledes.org.br/em-debate/cidinha-da-silva/17807-a-pec-das-domesticas-os-grilhoes-e-as-madames-por-cidinha-da-silva>

⁹ Cf. Cestari (2014).

Sobre a figura da mulata, na perspectiva de Pinho (2004:91), trata-se da idealização do “mestiço” pressuposta no discurso da miscigenação,

que opera por estruturar discursivamente – e isso quer dizer também materialmente – raça, sexualidade e identidade nacional de modo a instituir um campo de leituras, interpretações, sujeitos, todo um regime de verdade, que pressupõe uma figura idealizada de “mestiço” – a mulata ou mulato – como base para a transformação modernizante e modernista da sociedade brasileira naquilo que ela é como vontade e como representação.

A partir do seu trabalho, pensamos a figura da mulata e também da doméstica como *constituídas* pelo discurso da democracia racial e funcionando como se fossem uma evidência, algo da ordem do real do mundo, apagando a historicidade dos sentidos e dos sujeitos. Os sentidos atribuídos à “mulata” e à “doméstica” foram a tal ponto naturalizados pelo discurso dominante ao longo da história, que hoje constituem, como bem aponta Lélia Gonzalez no seu texto, atributos de um mesmo sujeito que aparece assim ontologizado.

Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão (idem, p. 226).

A aprovação da chamada “PEC das empregadas domésticas” trouxe de forma acirrada para o debate público os discursos e as práticas da opressão política, da dominação racial, da exploração econômica e da exclusão social. A luta histórica pelos direitos trabalhistas das empregadas domésticas ganhou visibilidade pública, ao mesmo tempo em que foram escancaradas as formas simuladas de exploração de classe, exercidas cinicamente a partir do discurso das relações cordiais na intimidade do lar. O texto de Cidinha da Silva, publicado no Blog do Geledés- Instituto da Mulher Negra, se inscreve com força na atualidade do acontecimento discursivo, disputando sentidos por meio da análise e da denúncia dos enunciados naturalizados pelo discurso da democracia racial.

Oxalá, caminhemos de um lado, para botar fim ao “*você é quase da família*”, e do outro, para extirpar do mapa o discurso passivo de trabalhadoras destituídas de tudo, o dolorido “meus patrões têm o coração tão bom, me tratam tão bem.” São faces da mesma moeda. A coroa passa açúcar (roupa usada, sobras de comida) na exploração das domésticas, compartilha de maneira simbólica e subalternizada o mundo que um salário ínfimo não pode comprar. A cara da moeda, privada do básico, até do direito ao trabalho para manter existência digna, tende a contentar-se ou iludir-se com o coração bom de mãos tiranas. (“A PEC das Domésticas, os grilhões e as madames”, Cidinha da Silva, Blog Geledés, 28-3-2013, <http://www.geledes.org.br/em-debate/cidinha-da-silva/17807-a-pec-das-domesticas-os-grilhoes-e-as-madames-por-cidinha-da-silva>)

Como acontecimento discursivo, a aprovação da “PEC das domésticas” rompe com uma série de repetições, desestabilizando sentidos já naturalizados historicamente; assim, produz uma ruptura na memória discursiva dominante e abre espaço para uma nova série de formulações que colocam em circulação sentidos silenciados ao longo dos anos de dominação. Não é de hoje que se denuncia a continuidade do discurso e de aspectos das relações escravagistas nas práticas sociais que envolvem o trabalho doméstico assalariado. Na história das múltiplas práticas de resistência protagonizadas por mulheres negras, destacamos os movimentos das trabalhadoras domésticas desde meados dos anos 1930 e as organizações feministas de mulheres negras a partir dos anos 1970. Aliás, uma das regularidades do movimento de mulheres negras é pautar a continuidade da situação vivida entre as antepassadas escravizadas e as trabalhadoras livres, como consequência da escravidão, mas também como manutenção do racismo, como o provam os textos de Léila Gonzalez, dos quais citamos um artigo publicado no jornal feminista *Mulherio*:

Nossa situação atual não é muito diferente daquela vivida por nossas antepassadas: afinal, a trabalhadora rural de hoje não difere muito da “escrava do eito” de ontem; *a empregada doméstica não é muito diferente da “mucama” de ontem*; o mesmo poderia dizer-se da vendedora ambulante, da “joaninha”, da servente ou da trocadora de ônibus de hoje, e “escrava de ganho” de ontem.” (“E a trabalhadora negra, cumé que fica?”, Léila Gonzalez, *Jornal Mulherio*, ano 2, n.7, 1982, p.9)

Esta continuidade histórica de práticas de exploração e de um discurso que as significou pelo viés de uma ilusória inclusão cordial foi objeto de estudo também na academia, que se posicionou face à aprovação da PEC das domésticas, intervindo ativamente na produção de sentido para o acontecimento discursivo. Trazemos um recorte do artigo de Ricardo Antunes, professor titular em Sociologia do Trabalho, que analisa “A revolta da sala de jantar”, numa referência clara à gravura de Debret e às interpretações filiadas ao discurso da democracia racial que tem no famigerado livro *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre (1933) um importante ícone:

Se a história é singular em suas distintas épocas, há algo de similar ocorrendo no Brasil do século 21, após a ampliação dos direitos das trabalhadoras domésticas. *Nossa origem escravista e patriarcal, concebida a partir da casa grande e da senzala*, soube amoldar-se ao avanço das cidades. A modernização conservadora deu longevidade ao servilismo da casa grande para as famílias cidadinas. As classes dominantes sempre exigiram as vantagens do urbanismo com as benesses do servilismo, com um séquito de cozinheiras, faxineiras, motoristas, babás, governantas e, mais recentemente, personal trainers

para manter a forma, valets nos restaurantes para estacionar os carros, etc. [...]

Com as classes médias o quiproquó é maior: os seus estratos mais tradicionais e conservadores agem quase como um espelhamento deformado das classes proprietárias e vociferam a “revolta da sala de jantar”: não será estranho se começarem a defender o direito das trabalhadoras domésticas não terem os direitos ampliados. E sua bandeira principal já está indicada: são contrárias à ampliação dos direitos das trabalhadoras domésticas para lhes evitar o desemprego.

(‘A revolta da sala de jantar’, Ricardo Antunes, no jornal *Estadão*, 30-3-2013, <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,a-revolta-da-sala-de-jantar,1015042,0.htm>)

De doméstica a deputada: a mulher na política

Como vimos nas análises, o acontecimento discursivo da “PEC das empregadas domésticas” deu visibilidade a sentidos longamente apagados que trouxeram para a cena política a memória do discurso escravagista e das lutas do movimento negro e especificamente das mulheres negras contra a exploração. Como efeito dessa filiação de sentido a expressão “cara de empregada doméstica” foi afetada por um processo de metaforização que deslocou a designação e lhe embaralhou os sentidos, legitimando e enaltecendo a prática desses sujeitos sociais. A partir de março de 2013 a menção às “empregadas domésticas” ganhou nova e maior circulação no discurso social e, por meio de um processo de metaforização, passou a significar de forma emblemática os sentidos da resistência à opressão. Porém, por efeito de generalização, esta designação também condensou, como metáfora, os sentidos de “ascensão social pelo esforço pessoal”, com o conseqüente apagamento da memória de luta política.

A imagem da deputada Benedita da Silva discursando no Parlamento na sessão em homenagem ao Dia do Trabalhador Doméstico (acontecida em 29 de abril de 2014) pode ser considerada um *ícone* desse funcionamento metafórico: a empregada doméstica que chegou ao poder e que dá corpo, cara e voz a luta contra a opressão.



<http://www.beneditadasilva.com.br/wp-content/uploads/2014/04/29.04-047.jpg>

Esta imagem foi reproduzida por diversos meios de comunicação e aparece comentada no site de notícias da Deputada Benedita da Silva como segue:

Para render homenagem à categoria, a deputada Benedita presidiu a sessão trajando o uniforme de doméstica, profissão por ela já exercida. “Não é demagogia estar aqui. É algo da pele, do coração, das veias e da luta”, afirmou Benedita. “Estar aqui significa que nós trabalhadores domésticos podemos, dentro do entendimento, fazer com que todos os segmentos como o governo, Congresso Nacional, federação e outras organizações de trabalhadores possam estar conosco nessa grande batalha”, enfatizou a petista. (<http://www.beneditadasilva.com.br/sessao-solene-prestahomenagem-as-trabalhadoras-domestica/>)

Nas declarações da Deputada encontramos ressignificada a menção a um corpo e uma cara de empregada doméstica, cujos sentidos pejorativos, como vimos, estão presentes e naturalizados na sociedade brasileira. A imagem da Deputada no estrado parlamentar, flanqueada pela bandeira do Brasil, discursando em trajes de doméstica, metaforiza visualmente o processo de empoderamento da mulher negra que resultou das práticas de resistência de classe, de gênero e racial empreendidas coletivamente. Representar-se/identificar-se como doméstica pela vestimenta “não é demagogia, é algo da pele, do coração, das veias e da luta”.

Ainda na esteira desse processo de metaforização que ressignifica a empregada doméstica como sujeito ícone da resistência à dominação racial e à exploração de classe, temos as imagens e os enunciados da recente campanha publicitária do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) denominada *Mulher na política*, lançada em 19 de março de 2014.



TSE lança no Congresso Nacional campanha que convoca mulheres para a política

<<http://www.tse.jus.br/noticias-tse/2014/Marco/tse-lanca-no-senado-campanha-que-convoca-mulheres-para-a-politica>>

A campanha, veiculada em todos os meios de comunicação do país (rádio, televisão e imprensa), consiste de um vídeo, um cartaz e um spot de rádio. O cartaz, que aparece na imagem do lançamento da campanha no Congresso Nacional (ver acima), traz a imagem de uma mulher negra. O spot de rádio traz a voz de uma famosa personagem da Bahia¹⁰ que se diz “negona” e se identifica como “cozinheira”, fazendo menção explícita à profissão de empregada doméstica. Reproduzimos a seguir na íntegra o texto falado pela personagem do spot.

Eu sou a negona Dadá, cozinheira da Bahia. Trabalhei muito para chegar até aqui: fui doméstica, fui ambulante... Hoje eu posso dizer que sou uma mulher de sucesso, mas sei que para que todas as mulheres do Brasil sejam vencedoras mesmo, elas precisam conquistar mais espaço e lutarem por seus sonhos¹¹.

Assim como o nome *Mulher na política* e a finalidade da campanha, “*incentivar as mulheres a participar da política do país, candidatando-se aos cargos eletivos que estarão em disputa em outubro de 2014*”, o lema da mesma também põe o foco nas relações de gênero: “*Nós mulheres temos o poder de decidir o futuro do país*”. O processo metafórico se evidencia a partir dos deslocamentos e substituições de palavras e sentidos:

mulher negra = doméstica = luta = poder → mudar a história	nós = mulheres brasileiras = luta = poder → mudar o futuro do país
---	---

Porém, não podemos deixar de notar que tanto no spot de rádio da campanha do TSE quanto na matéria disponibilizada no site da Dep. Benedita de Silva, a profissão de doméstica é significada como um passado superado, como o primeiro passo de um caminho de ascensão social possível pelo esforço individual.

¹⁰ Cf. a reportagem realizada pelo TSE em <http://www.justicaeleitoral.jus.br/videos/famosa-cozinheira-da-bahia-incentiva-mulheres-a-participar-da-politica-em-10-04-2014>

¹¹ Arquivo de som disponível em <http://www.tse.jus.br/internet/midia/campanha/2014/incentivo-participacao-mulher-politica/TSE-mix-spot-mulheres-na-politica-dada.zip>

“Cara de empregada doméstica”: objetos paradoxais e luta ideológica

No início desse trabalho definimos, a partir da teoria da Análise de Discurso, o funcionamento paradoxal dos objetos discursivos como um efeito das contradições de sentido produzidas pela luta ideológica. Como diz o autor ao qual nos filiamos teoricamente:

No terreno da linguagem, a luta ideológica de classes é uma luta pelo sentido das palavras, expressões e frases, uma luta vital para cada uma das classes que se confrontam ao longo da história até o presente (PÊCHEUX, 1978[2011], p.273).

A análise dos processos metafóricos e metonímicos que significam a expressão “cara de empregada doméstica” nos permite avançar nessa reflexão. Como demonstramos, esta expressão se caracteriza, na sua *materialidade discursiva complexa*, por condensar na linguagem e na imagem processos discursivos que se inscrevem em memórias antagônicas: os sentidos das práticas escravistas inscritos como discurso da democracia racial e os sentidos das práticas de resistência e das lutas do movimento negro, presentes como crítica social e apelo à mobilização política. Para interpretar as relações de força entre essas posições ideológicas recorreremos novamente a Pêcheux, quando define o funcionamento dos objetos discursivos paradoxais.

A singularidade dessas lutas de deslocamento ideológico, que ocorrem nos mais diversos movimentos populares, consiste na apreensão de objetos (constantemente contraditórios e ambiguos) paradoxais, que são, simultaneamente, idênticos em si mesmos e se comportam antagonicamente em relação a si mesmos [...] Esses objetos paradoxais (com o nome de Povo, Direito, Trabalho, Gênero, Vida, Ciência, Natureza, Paz, Liberdade) funcionam em relações de força móveis, em transformações confusas, que levam a concordâncias e posições extremamente instáveis.” (PÊCHEUX, 1983[2011], p.115)

Na luta ideológica em torno da expressão “cara de empregada doméstica”, os sentidos que inferiorizam a cara e o corpo das empregadas domésticas, historicamente naturalizados desde a época da escravidão, foram desestabilizados e ressignificados pelo acontecimento discursivo da aprovação da chamada “PEC das domésticas”. A contestação pelo movimento de mulheres negras da expressão “cara de empregada doméstica” fez a denúncia do racismo nela presente e permitiu incorporar novos sentidos à circulação e à interpretação dessa designação, inscrevendo-a numa memória que a investiu de uma valoração ideológica positiva, interpretando-a como símbolo de uma memória de luta e resistência. Assim, como vimos nas análises, a empregada doméstica se torna a metáfora viva de um *sujeito coletivo politicamente mobilizado*.

Nesse sentido, sua cara/corpo/voz representariam o empoderamento da mulher na política e sua capacidade de ação coletiva. Estes sentidos, ressignificados pelos aparelhos do Estado (TSE), são afetados pela atual conjuntura política brasileira, na qual a primeira mulher a ocupar o cargo de Presidenta do Brasil concorre à reeleição em outubro de 2014 e disputa com outra candidata mulher a preferência do eleitorado.

Por outro lado, já podemos também sentir os impactos de um discurso que despolariza a interpretação mobilizadora e contestatária ganha por essa designação e essa metáfora no processo da luta social contra o racismo e a exploração de classe. Vemos emergir e ganhar circulação na grande mídia um discurso que faz deslizar seus sentidos para o campo semântico da superação pessoal: a empregada doméstica “batalhadora” que vence as dificuldades de sua origem pelo esforço pessoal. Neste sentido, recentes matérias sobre outras “ex-empregadas domésticas” que integram o governo federal mostram esta tendência discursiva ao esvaziamento dos sentidos políticos de luta coletiva e à imposição dos sentidos morais do esforço pessoal. Não por acaso, a figura escolhida para estas matérias jornalísticas é a Ministra do Tribunal Superior do Trabalho, Delaide Miranda Arantes, convenientemente branca¹².

Da metáfora de empregada doméstica como cara/corpo/voz da resistência coletiva à opressão, à metonímia da doméstica como indivíduos destacados do conjunto das mulheres brasileiras, a designação “cara de empregada doméstica” e os sentidos que se (des)organizaram em torno dela por efeito do acontecimento discursivo, mostram o funcionamento paradoxal dos objetos discursivos e seu investimento irrelutavelmente político.

Referências bibliográfica

CESTARI, Mariana. A tomada da palavra e as disputas pelos sentidos e memórias nos discursos do movimento de mulheres negras no Brasil. *Anais do VIII Congresso de Pesquisadores Negros (COPENE)*, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques et Claudine HAROCHE. *Histoire du visage : exprimer et taire ses émotions : du XVIe au début du XIXe siècle*. Paris, Payot, 1988.

DAMASCENO, Caetana. *Segredos da boa aparência : da "cor" à "boa aparência" no mundo do trabalho carioca (1930-1950)*. Seropédica: EDUFRRJ, 2011.

¹² Cf. matéria transmitida no programa Fantástico da Rede Globo em 31-3-2013 com o título “Ministra do TST relembra seus dias de empregada doméstica” <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/03/ministra-do-tst-relembra-os-dias-de-empregada-domestica.html> ; e nova matéria transmitida no programa Globo Reporter em 16-5-2014 com o título “Da casinha da roça ao TST: doméstica aposta nos estudos e vira ministra”, <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2014/05/da-casinha-na-roca-ao-tst-domestica-aposta-nos-estudos-e-vira-ministra.html>

GONZALEZ, Lélia. *E a trabalhadora negra, cumé que fica?*. Jornal Mulherio, São Paulo, ano 2, n7, 1982.

_____. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Ciências Sociais Hoje, São Paulo, v2, 1983, p223-44.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Editora da Unicamp, [1975]1988.

_____. As massas populares são um objeto inanimado? In: ORLANDI, Eni (Org). *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, [1978]2011.

_____. Delimitações, inversões e deslocamentos. Trad. José Horta Nunes. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos 19 – O discurso e suas análises*. Org. Eni Pulcinelli Orlandi e João Wanderley Geraldi. Campinas, [1982]1990. p. 7-24

_____. *O discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Trad: Eni P. de Orlandi. Campinas: Pontes, [1983a]1990.

_____. “Lecture et mémoire: project de recherche”. In: Malidier, Denise *L'inquietude du discours*. Paris: Ed. des Cendres, [1983b]1990.

_____. “Ideologia: fortificação ou aprisionamento”. In: ORLANDI, Eni (Org). *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, [1978]2011.

PINHO, Osmundo. (2004). *O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação*. *Cadernos Pagu*, 23, 89-119.

ZOPPI FONTANA, Mónica G. “Objetos paradoxais e ideologia”. In: *Revista Estudos da língua(gem)*, Vitória da Conquista – BA. v.1, n.1, p.15-37, 2005.

Para citar essa obra:

FONTAN-ZOPPI, M; CESTARI, M.J. “Cara de empregada doméstica”: discursos sobre os corpos de mulheres negras no Brasil. In: **RUA** [online]. 2014, Edição Especial - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: disponível em: <http://www.beneditadasilva.com.br/wp-content/uploads/2014/04/29.04-047.jpg>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS
UNICAMP/COEN / NUDECRI
CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP – Brasil

CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>